

"IV Colóquio de Feminismo Negro - Acadêmicas, trabalhadoras e militantes. A representação de mulheres negras nos diferentes espaços."

**Homenagem a Ruth de Souza
25 a 27 de julho de 2017**

FRONTEIRAS: MULHER NEGRA E ATRIZ

Daiana de Moura Bernardes Coelho, (CAPES, Ufscar, Sorocaba-SP, Brasil).

contato: daiamerinegrindia@gmail.com

RESUMO

Problematizamos o corpo da mulher negra no contexto das artes cênicas: em suas práticas vivem processos para olhar, lidar, reconhecer esse ser corpo negro, criando estratégias para enfrentar o olhar do outro. A discussão se faz à luz do conceito de fronteira de Glória Anzaldúa. A mulher negra artista, narrativa de múltiplas culturas, que se contradizem, se chocam. Objetivamos discutir a figura da mulher imbricada entre conceitos como pluralidade, ambiguidade, identidades e devir. Ser fronteirizo. Que transita entre o visível e o invisível. A cartografia é a metodologia que abrange esta pesquisa em andamento na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo e concepções de Sueli Carneiro, Angela Davis, Simone de Beauvoir e Suelly Rolnik dialogam com a temática da mulher negra em cena. Corporeidade, território, memória são noções marcantes para as trajetórias de vida nas artes cênicas, reverberam em reconhecimento de identidades, militâncias e lutas sociais, em contraste com o modo como historicamente a profissão de atriz se constrói no imaginário social: relacionada à boemia, erotismo, prostituição.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra, atriz, fronteira.

Esta reflexão é parte da pesquisa *Mulher negra e(n)cena: performances de encontros e devires*. O projeto em andamento reconhece a existência de uma geração de atrizes e atores negros na cidade de Sorocaba e através dessa constatação tem a urgência de trazer essas experiências de resistência negra para a discussão acadêmica. Uma busca que se dá em rede, amálgamas de marcas e memórias de atrizes em processos artísticos. A própria escrita nasce no epicentro de uma zona de abalos, afetos, subjetividades e objetividades, pluralidades e ambiguidades, uma vez que minhas marcas movem minhas ações e sou parte deste processo de encontro com as artes cênicas.

A primeira etapa de investigação se dá pela observação das atrizes e suas obras bem como reúne materiais que registram essas presenças na história da arte teatral na região de Sorocaba criando redes de diálogos com referenciais teóricos pertinentes. Nesse contexto a arte é vista como estratégia e nascedouro para transformação nas experiências das subjetividades artistas das mulheres negras.

ATRIZ

Atriz: Pessoa do sexo feminino que representa personagens no teatro, cinema ou televisão.

Os seguintes adjetivos elucidam como tem sido vista através dos tempos esta profissão: mulher alegre, dada, desviante, insubordinável, escandalosa, rueira, desavergonhada, subversiva, depravada, fingida, vedete, vulgar, boêmia, extravagante, prostituta, mentirosa, ultrajante.

Muitos desses adjetivos herdados de um imaginário de liberdade exercida pelo povo de teatro e, obviamente por um machismo estruturante da sociedade que não admite que a mulher ocupe espaços com independência e protagonismo. As atrizes vivem o paradoxo da profissão, são admiradas, consideradas muito corajosas pela exposição inerente a arte de interpretar porém, por outro lado vivem o estigma de depravação que a profissão possui, são vistas as vezes pelas próprias famílias como aventureiras, loucas pelos próprios companheiros de trabalho e infantilizadas pela escolha profissional. A pergunta: *“você é atriz, mas qual o seu trabalho de verdade?”* Nos mostra que o ofício sequer é considerado como trabalho muito menos digno.

Simone de Beauvoir depois de muito ferozmente criar o cruel panorama da vida das mulheres na sociedade, no último capítulo de *O segundo sexo*, discursa brevemente sobre as atrizes: “Trata-se da categoria de mulheres que procuram superar pela expressão artística o próprio dado que constituem: atrizes, dançarinas, cantoras. Durante três séculos foram elas, por assim dizer, as únicas que tiveram uma independência concreta no seio da sociedade e nesta ainda ocupam atualmente um lugar privilegiado (BEAUVOIR, 2016, pg. 526)”. Tencionamos o olhar para as atrizes e construir um breve panorama temporal dessa profissão na vida da mulher, centralizando a mulher negra. A voz feminista de Simone Beauvoir nos oferece uma base para problematizar esse ser em sociedade. Mulher ser inessencial e inautêntico quando ocupa espaços intelectuais e artísticos possui mais possibilidades de libertação, de emancipação do que as mulheres que não possuem empregos e das que possuem profissões fora do mundo das artes. Esta afirmação parece ainda hoje ser bastante plausível já que o teatro é um lugar de discussão de ideias, de criação, de convivência coletiva e de buscas por transformações. Se essa profissão é uma das que poderiam *libertar a mulher* levando em conta a condição que lhe é imposta de ser inessencial, imanente em oposição a sobrepujança do ser transcendente masculino, muito importa a noção de criação, a ideia de participação e de elaboração de um mundo. Os limites existem e são muitos, mas o poder de criação e imaginação é precisamente o fortalecimento da subjetividade. A criação artística é um dos veículos que podem transportar visões de mundo comum para pensamentos críticos, participativos e plenos, o fato de elaborar, engendra a marca de pertencimento ao mundo concreto, só pertencendo ao mundo é possível recriá-lo, só recriando o mundo é possível pertencer a ele.

Beauvoir (2016, pg.505) em seu discurso coloca questões sobre o trabalho, salários, dependência, vaidade, orgulho, eficiência, etc. Evidencia o quanto a mulher é sempre o outro, o assujeitado e imanente. Em suas colocações tão duras percebemos o abismo que separa mulheres e homens desde a infância. Esse ponto nos interessa, pois os seres que a autora discute possuem a condição de mulher e a mesma se pergunta como pode realizar-se em sociedade sob essa condição. Nossa pergunta é sobre a condição de mulher negra. Questionamento que gera um abalo, que cria inúmeras fissuras, rasgos na terra da nossa pele, chegamos a dolorosa constatação de que a nós até a condição de mulher é negada. “De bom

grado a mulher brinca de trabalhar, mas não trabalha; acreditando nas virtudes mágicas da passividade, confunde conjuras e atos, gestos simbólicos e condutas eficientes (BEAUVOIR, 2016, pg.529)”. As mulheres brancas lutaram para trabalhar e para estarem em espaços públicos, as negras sempre trabalharam, e por sua vez ocupando espaços privados e públicos com presenças subalternizadas, percebidas nos bastidores, nas sombras. Sequer a imanência nos abriga.

A escravidão e seu legado ao objetificar, coisificar, hipersexualizar a imagem da mulher negra nos retirou a humanidade e a marca da feminilidade histórica. “(...) acreditam que seus méritos vem de uma graça que as habita e não imaginam que o valor possa ser conquistado. (BEAUVOIR, 2016, pg.530)”. Os méritos das mulheres negras são geracionais, e mesmo nossas menores conquistas devem ser valorizadas pois não são garantidas eternamente, com uma certa periodicidade precisamos renovar nossas lutas e conquistas, o cenário político atual de perda de direitos trabalhistas que atingem diretamente as trabalhadoras negras nos provam esse fato.

“Sua vaidade estéril vem de que ama a si mesma sem ousar construir-se. (BEAUVOIR, 2016, pg.531)” A vaidade, o orgulho da mulher negra difere do orgulho da mulher branca, principalmente em cena é fértil, semeia possibilidades de representatividade e fortalece a memória de culturas e tradições negras, nossa estima precisa ser aprendida, buscada, plantada na contemporaneidade com muitas dificuldades para ser colhido em devires próximos. Diferente de outras mulheres precisamos aprender a olhar no espelho e amar a nossa imagem

Diante dessas colocações se seguirmos a lógica de Beauvoir (2016) deduzimos que a mulher independente que pode ser liberta pelas artes de expressão é a mulher branca, ainda que esteja subjugada está distante da realidade da mulher afrodescendente, a ela migalhas são possíveis. Nós existimos a medida em que nos fazemos perceber em nossos trabalhos e espaços de militância, se por um instante vacilamos somos rapidamente deglutidas por atitudes, gestos, espaços machistas-racistas e, também por lutas de outros feminismos que não abarcam as especificidades e profundidades de diversos lugares de fala. E isso não é diferente em espaços artísticos, como um olhar apressado poderia imaginar.

NEGRA E ATRIZ?

As dificuldades inerentes a profissão como a questão do tempo que é investido em ensaios, pesquisas, confecção de figurinos cenários, elaboração de projetos, problemáticas dos grupos, coletivos e instituições são responsabilidades assumidas com encargos que consomem atrizes e atores física e emocionalmente. Somadas ao imaginário do senso comum sobre a vida no teatro e à catastróficas problemáticas de classe, podem ser fatores que contribuem para a ausência das mulheres afrodescendentes nas artes cênicas.

Retomando o início deste trabalho, os adjetivos ofensivamente recebidos pelas atrizes e outros tantos ainda mais repulsivos e agressivos são associados às mulheres negras. Somos as mulheres que majoritariamente sofrem violência física e as violências invisíveis (verbal, epistêmica, simbólica e assédios) fazem parte da vida de mulheres negras¹. Não sendo preciso

¹ As mulheres negras compõem os 62 % das vítimas de mortes por agressão, esse dado e outros tão alarmantes quanto sobre as diversas formas de violência que sofremos nos auxiliam a entender a distância das mulheres de inúmeros espaços da sociedade, os números elucidam também a urgência de discutirmos ações visando o recorte da mulher negra. Em Violência invisível: dados sobre a violência contra a mulher negra de Mafoane Odara e Samira Bueno, disponível no Portal Geledés (www.geledes.org.br).

elucubrações complexas para concluir que as feridas históricas ainda abertas na pele preta exigem uma série de condutas e cuidados com o que os *outros* vão dizer. Expressões como: além de negra vai se envolver com essas coisas, só podia ser uma negra, você nunca vai aparecer na televisão, etc, e também recomendações que representam o medo e a cautela de familiares e amigos: arte não é para você, isso não tem retorno financeiro, busque algo mais palpável onde você não se mostre tanto, etc. Em resumo esse ser atriz supera a cada projeto, a cada peça essas supostas preocupações que contém uma mescla de racismo histórico com tentativas de impedimento e de manutenção das desigualdades raciais, expressões que desejam se introjetar no corpo negro, dizendo que a arte não é nosso lugar, mas a cozinha sim, a faxina sim, a subalternidade sim.

A questão da exposição do corpo é também fator complicador, os ambientes que frequentamos nos outorgam os lugares mais escondidos, mais obscuros. Falar em público pode ser tarefa complicada para as mulheres. Para as afrodescendentes mais peso para superar com tanta força contrária. Como *protagonizar*, querer, sentir desejo de ser vista, ouvida, entendida, se recebemos olhares que nos perfuram com intenções tão rudes e cruéis quanto a maior parte daqueles adjetivos perversos de que queremos fugir?²

As mulheres que ocupam as mídias, os slogans, as telenovelas, filmes, séries e peças de teatro são predominantemente brancas, com o estereótipo eurocêntrico - que também é exigido das mulheres negras. A questão da falta de *representatividade* é extremamente violenta para a subjetividade do povo preto. Nas vezes em que a mulher negra aparece o ideal eurocêntrico impera (magra, alta, cabelo liso ou cachos soltos, etc) existe um *tipo* de negra aceitável e todos os outros são inaceitáveis. Nós não somos representadas. Não nos vemos. Não estamos nos lugares. Quando estamos precisando vencer barreiras visíveis e invisíveis, ditas e silenciosas. Existem muros no mundo das artes, erigidos com a artilosidade e o peso do racismo e com a falaciosa democracia racial.

Yes we can. Si se puede.

A meritocracia neoliberal nos diz que todas podemos. Mas no dia a dia nossa pele é insistentemente agulhada, ferroadada, machucada pelos olhares, pelas situações vexatórias, pelas frases feitas: Você é audaciosa! Impressionante seu currículo artístico! Como você conseguiu esse job? Quem você conhece para ter conseguido essa agenda? Gestos, atitudes, olhares, omissões que gritam em silêncio:

No we can't. No, no se puede.

Nos ensaios, cursos oficinas somos infantilizadas, todos sabem mais de nós do que nós mesmas. Sempre existe alguém para falar na sequência o que você quis dizer, como se precisasse o tempo todo ser defendida. A voz negra tem dificuldade de escorregar para dentro

² O filme recente *Dreida e Laney assaltam um trem* retrata momentos em que duas irmãs negras adolescentes lutam para sobreviver quando a mãe vai presa depois de um surto emocional em seu trabalho numa loja de eletrônicos, as irmãs tentam ocupar um espaço na escola e sonham em progredir nos estudos. Elas ouvem frases terríveis, são brutalmente discriminadas porque as pessoas não conseguem entender a presença delas no território escolar, além da negritude a mãe é presidiária e o pai ex-presidiário e ausente. Também o filme nacional *Vista a minha pele* em que com posições invertidas a menina branca sente na pele o que é sofrer racismo, bullying, medo, discriminação, ela é odiada por ser quem é. Suas atitudes pouco são levadas em consideração o fato de ser pobre e ter a cor da pele diferente faz com que ela possa ou não pertencer ao ambiente escolar. Pontuamos esses filmes que possuem um grande elenco negro e que tratam sem meias palavras do cotidiano de jovens negros, e deixam notadamente marcado o espaço escolar como reflexo das feridas sociais principalmente para as meninas negras.

dos ouvidos brancos. Ouvidos brancos deturpam nosso dizer, consertam nossa fala, transformam em outras palavras, insistem que não vimos, ouvimos e enxergamos direito³.

Essa é uma das ambiguidades que vivemos. Nossa subjetividade nos diz, sabemos o que estamos dizendo, fazemos um esforço em colocar nossas palavras no mundo, mas o mundo nos devolve e com violência. Não quer, não sabe, não precisa delas. Nossas palavras querem sair, nossa expressão diz, mas nunca é o suficiente para os olhos e ouvidos brancos. Nossos corpos vibram. Vibráteis criam a tensão que precisamos nos palcos, espaços alternativos, telas, mas os espaços não os querem assim. Os querem na imobilidade, na inação, na subalternidade, os querem para eles. E retomando Simone Beauvoir, as mulheres não são um ser para si, as mulheres brancas e europeias são imanência, são o outro. Então o que somos nós? Quem somos na arte?

EU NÃO SOU UMA MULHER?

Se nossa embranquecida sociedade, se o mundo artístico não fosse coberto com a manta invisível do racismo a resposta seria: Não, você não é uma mulher! Você não é uma mulher porque o período escravista - além de te violentar, escravizar e desumanizar - criou mitos sobre sua mente, seu corpo e suas genitálias, suas ideias e sobre os seus. Mitos como você é mais forte que a mulher branca portanto sente menos dor. Você não será uma boa mãe ou esposa porque é depravada, sente mais desejos que o restante das pessoas. Você é feia por não ter a pele branca, cabelo liso, traços europeus, como se outros mundos e culturas não existissem. Você gosta de servir, é mais cuidadosa, mais generosa, mais paciente, aguenta mais e é mais servil que qualquer outra. Ninguém pode demonstrar sentimentos de amor por você, nem mesmo os homens negros. Afinal por ser feia e não ser uma boa esposa as pessoas sentiriam vergonha de assumir que estão apaixonadas por uma mulher negra. Você não sabe criar, sabe obedecer. E se não sabe obedecer não é uma boa negra. Você até pode estar em lugares como o teatro, mas que seja como camareira, faxineira, a moça do cafezinho. Assumir protagonismo é demais, é preciso encher você de mil atributos parecidos com as da personagem secundária, a amiga da mocinha, a ama da mocinha, a inimiga da mocinha, a mendiga que a mocinha ajuda, a feia que a mocinha pisa, a pobre coitada com quem a mocinha é complacente, a pedra, a árvore, a samambaia, artigo de cenário. Toda existência a serviço de outro. Sabemos que isso é o que dizem-querem. E quem diz é uma sociedade inteira, nos espaços das artes cênicas o requinte de crueldade reside em nunca falar sobre o assunto, é uma realidade que existe e que não é nomeada, assim como não são nomeadas e lembradas as atrizes negras pioneiras do teatro, da televisão e do cinema. Esconder nossa face, silenciar nossos nomes e histórias, negar nossa situação desigual, invisibilizar ou folclorizar nossa presença, são os ardis usados.

O que esses ardis não conseguiram esconder - que tentam a todo custo, mas não lograram fazê-lo, é que nossas ancestrais lutaram, e não vestiram nenhuma dessas caixas rotuladas. “Dos numerosos registros sobre a repressão violenta que os feitores infligiam às

³ Os novos termos cunhados por movimentos feministas *mainsplaining* (explicações masculinas soberbas em assuntos que não lhes interessam), *maninterrupting* (quando o homem interrompe a mulher deslegitimando, infantilizando sua fala), *bropropriating* (o homem ganha crédito pela ideia da mulher), *gaslighting* (o homem invalida, invade ideias e sentimentos da mulher convencendo-a de que ela está louca, paranóica); são recorrentes nas salas de ensaio. Contudo frisamos que além destas problemáticas que os termos abarcam as mulheres negras sofrem outras, inclusive com as mulheres brancas. As violências que as mulheres negras recebem não tem nome, tanto pela invisibilidade, pela maquiagem que recebem e pela negligência dos que as praticam.

mulheres, deve-se inferir que aquela que aceitava passivamente sua sina de escrava era a exceção, não a regra”. (DAVIS, 2016, pg. 31)

Seguimos não vestindo esses rótulos. Inúmeras histórias de mulheres negras tornadas escravas que ajudaram a alforriar suas famílias, que venceram sem medo o açoite, libertas que com bravura trabalha(ra)m recebendo os piores salários do país sustentando a família (não sendo sustentada por ela como grande parte das mulheres brancas da época), que sendo tratadas com desumanidade e violência, sem sucumbir lutaram para alcançar a humanidade.

O terrível dessa constatação é que brutalmente vem sendo reiterada através dos tempos no Brasil e no mundo. As contundentes afirmações de Angela Davis mostram o quanto as famílias negras durante a escravidão foram capazes de se manter unidas e fortalecidas, os amores, amizades, laços fraternais que mesmo com a venda de parentes e amigos eram mantidos e revigorados através de cartas. Davis mostra inclusive que a afetividade negra se aproximava de forma mais saudável de igualdade sexual do que as famílias brancas e pontua que as mulheres negras “afirmavam sua igualdade de modo combativo, desafiando a desumana condição da escravidão. Resistiam ao assédio sexual dos homens brancos, defendiam sua família e participam de paralisações e rebeliões. (DAVIS, 2016, pg. 31)”. Essa é a força da mulher negra que a violência e a opressão desejam sufocar, mas que nossas ancestrais, lideranças e presenças de mulheres negras venceram em diversos setores e suas vidas rasgaram o véu do racismo e do machismo nos deixando um legado de potência, amor e luta.

Quando em 1800 Sojourner Truth questiona os presentes da conferência de mulheres de Ohio se ela não é mulher, estava já plantando sementes para as discussões que hoje levantamos, principalmente no feminismo negro. Quando em 1945 Ruth de Souza e outras companheiras expuseram suas ideias, escancarando as questões raciais no Teatro Experimental do Negro deixaram uma marca que atravessou os tempos e ainda hoje é referência para se pensar o corpo negro nas artes.

O corpo negro está no teatro, ainda que provando a companheiras e companheiros de ofício que temos lugares de fala e questões diferentes, e que estas precisam estar nas obras dos grupos e coletivos. Na cidade de Sorocaba elencamos alguns grupos que possuem integrantes negros. Os grupos possuem sempre um, no máximo dois integrantes negros no elenco. Os grupos Trupé de Teatro, Katharsis, Trança, Caçadores de Tatu, Saramuná, Firmamento e Cunhantã contam com uma mulher negra no elenco. Estamos falando que uma cidade de 652.481 habitantes, sendo a população negra de 24,32%, apenas seis grupos que possuem entre seis e treze anos de existência possuem uma ou duas atrizes negras no elenco.

Atenuando a triste realidade que está por trás desses números e que a falsa ideia de democracia racial corrobora para manter, algumas mulheres negras conseguem discutir temáticas relacionadas à gênero e raça em suas obras. O que as torna duplamente resistentes. São mulheres negras que se dedicam ao ofício do teatro e falam sobre suas idiossincrasias em seus trabalhos.

Como humanidade já vivemos a premissa ambígua ao viver um tempo curto no mundo e a transcendência artística, militante, revolucionária, seria uma forma de sermos infinitos no tempo finito da vida. As nossas construções culturais, ideológicas, mitológicas, rituais, se dão em contingência. E este reconhecimento poderia nos levar a existir verdadeiramente. A nossa transcendência enquanto mulheres negras está portanto mais distante: vivemos menos que a maior parte da população e trabalhamos mais, a nós é negada a presença e participação em espaços necessários para a busca de libertação. Nós ainda estamos provando que nascemos, sentimos e somos capazes de comer, estudar, trabalhar, morar. Precisamos do mínimo

necessário para a sobrevivência, assim a ausência da mulher negra nas artes cênicas é facilmente justificada. Vidas abreviadas, pelos desgastes físicos, pelas rupturas na subjetividade, pelo genocídio, pelo epistemicídio, pela omissão do estado. Se a vida artística ainda que com contradições e paradoxos é estratégia para transformação, dar visibilidade às atrizes negras constitui também um movimento importante para a nossa permanência nas artes na contemporaneidade.

Esse corpo desviante da norma, se dá em dicotomias, pluralidades de informações e territórios, ambiguidades subjetivas e objetivas, processos múltiplos de identificações. Corpo que diz sim eu sou uma mulher e sou atriz. Corpo que existe entre o sonho e a sobrevivência.

CORPO FRONTEIRA

O trânsito, a diferença nos ajudam a não termos medo da palavra *negra*. Os efeitos do colonialismo estão - como sempre estiveram - nos relegando papéis de fragilidade na sociedade. Leis e reformas paliativas são feitas trabalhando objetividades isoladas, sem a contundência de programas completos de políticas públicas para a inserção do povo preto. Porém reformas profundas, internas, subjetivas não são postas em prática em escolas, teatros, universidades, etc. A mentalidade do brasileiro branco tem mudado muito lentamente. O caos político do Brasil contemporâneo nos impede de avançar mais no plano macro e tentam impedir progressos micropolíticos. A polícia, o desemprego, os ataques de ódio e intolerância, a saúde da população negra não nos deixam mentir. Mas não vamos parar e não vamos nos separar. “Os brancos no poder querem que nós povos de cor, construamos barricadas atrás dos muros separados de nossas tribos, de maneira que possam nos apanhar um de cada vez com suas armas escondidas; de maneira que possam calar e distorcer a história (ANZALDÚA, 2005, pg. 713)”. Não vamos retroceder, se o neoliberalismo, o capital pauta a história oficial na branquitude, nas repetições, nos privilégios, isso nos torna mais múltiplas, capazes de novos olhares e pontos de vista porque podemos transitar.

O que não significa perdermos raízes, abandonar identidades ancestrais nos deixaria soltas. E queremos estar fortalecidas em todas as linhas de nossas fronteiras. Somos junção de culturas, somos também multi, pluri, essa fortaleza nos possibilita mais estratégias para viver a tão diversa sociedade brasileira e latina. Anzaldúa nos convida a sermos mulheres *pontes*. Então assumimos nosso trânsito migratório da subalternização que sofremos à elaboração-criação-participação do mundo; da faxineira à atriz; dos bastidores para o centro do palco⁴.

Os corpos negros no centro do palco abrem espaços para mais orgulho, mais estima, mais trabalho, mais pontes. *Uma sobe e puxa a outra* é um dos lemas da Marcha das Mulheres Negras: trazer mais mulheres negras de variadas classes sociais para ambientes artísticos, culturais e intelectuais rompe muitos mitos. Não existe uma mulher negra. Tampouco existe uma pesquisa cênica negra. Existem multiplicidades, vários processos identitários que podem inclusive se chocar, se repelir. Mas precisamos deles e de mais. Precisamos vê-los e discutí-los. *Fortalece que cresce* é outro lema da Marcha das Mulheres Negras que ecoamos aqui. Ver corpos negros nas artes cênicas em funções diferentes (atuação, produção, direção, cenografia, etc), registrar e expandir essas presenças vivas e transformadoras.

Isso é disputa política e ideológica: o papel que cabe ao nosso corpo é não aceitar qualquer papel que lhe seja imposto. Nosso trânsito, nossas pontes são trilhas para assumir identidades negras com presença na arte, na cultura, na multiculturalidade, pautamos arte não

⁴ Uma das atrizes sorocabanas deixou a família no interior do estado e vive com seus empregadores. Isso não a torna menos artista, pelo contrário.

racista. Somos crias de mulheres como Ruth de Souza, Zezé Motta, Chica Xavier, Neusa Borges e muitas outras, que através da televisão e do cinema chegam a milhares de casas, tocam milhares de corações, fazem *microrrevoluções silenciosas* habitando esses espaços de hegemonia branca.

Não desconhecemos que pronunciar esses belos nomes e conseguir contar nos dedos os elencos negros nas peças, novelas, filmes e séries é (re)viver uma dor. Mas emitir o som do nome dessas artistas negras cria zonas de abalos, tremores e frestas por onde as mais novas poderão passar e nisso nos agarramos com força. Essa *dor-amor* faz parte do reconhecimento da ausência da nossa imagem. E como tudo o que nos diz respeito é complexo e múltiplo não vamos aceitar a simplicidade, as desculpas e disfarces dos que agem com superficialidade com as nossas pautas. Leis, editais, espaços teatrais, grupos, instituições públicas e privadas: nossas pautas devem ser vistas, discutidas e implementadas com profundidade, completude e urgência.

“Pela construção de uma sociedade multirracial e pluricultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não mais como inferioridade (CARNEIRO, 2011)”. Diz brilhantemente Sueli Carneiro, e concorde, reforço suas palavras. Nós mulheres negras, somos pontes e somos *provoc(ri)adoras* do futuro. Não existe receita para a sociedade se tornar menos racista, sabendo disso, sem perder e sem temer estamos agarradas às unhas com essa construção que Carneiro coloca. Sem dúvida quando se coloca na cena contribuindo para desmistificar e renovar a imagem da mulher negra na sociedade, esse corpo faz um atravessamento, cria uma ponte, sai de um lado invisível da fronteira e diz: eu existo! Nós existimos e não somos mudas. Nossas línguas selvagens não se permitem mais ser decepidas⁵.

MULHER NEGRA E(N)CENA



1. Daiana de Moura e Vanessa Soares. Peça Paó, 2010. Foto José Neto

⁵ Línguas selvagens não podem ser domadas, elas podem apenas ser decepidas. (ANZALDÚA, 2009, pg. 306).

Esse texto performa. Ele representa. Espaço em que uma sobrevivência se faz vivência. Essas considerações finais são o começo.

De forma ritualística quando as palavras vêm antevejo sua chegada, à boca do estômago borboletas. Voltas a cabeça dá. Espanto! Deixar vir agora? Ela chega. Um vulto que arrebatou o interior. As tripas em piruetas, tantas que se arrepiam os pelos das costas, da nuca. As palavras parecem querer fugir pela nuca. Querem rasgar o pescoço. Travam nesta altura. é possível sentir-se em profundidade, em perspectiva: pele, laringe, goela, cervical, pele. Venha palavra. Exploda.

“Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha língua de serpente (...) Eu vou superar a tradição do silêncio (ANZALDÚA, 2009, pg. 312)”. Essa *palavra-alívio* sai rasgada. Sai perfurada pela guerra que encontra. Ambiguidades. Angústias. Iluminar a serpente, vértebra por vértebra da coluna, chamas sobem dançantes. Luzes festivas chegam a boca, da boca escorregam para os dedos palavras de dor. Chamas paradoxais. Fogo do conhecimento. O corpo negro com a pele quente pode ler a própria escrita incandescente: Parem de nos matar!

“Por que eles nos combatem? Por que pensam que somos monstros perigosos? Por que somos monstros perigosos? Porque desequilibramos e muitas vezes rompemos as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós (ANZALDÚA, 2000, pg. 04)”. Gritos reverberam na mente: tirem tantas fardas das ruas! Tirem-nas. Entregue-nas a nossas mãos negras: baldes, tinhas, tanques e tambores, litros de alvejantes milhares de litros. Nossas mãos pretas sabem melhor do que ninguém, e querem mais do que qualquer um lavar essas fardas de tanto sangue. Lavaremos fardas com nosso movimento, nossas palavras e nossas danças. Camisas e calças cinzas manchadas de vermelho púrpura, cinza e preto fúnebres se transformam em branco, branco de oxalá nas sextas feiras. Dançando, cantando, atuando jogamos a água de tanto sofrimento na pedra da cachoeira. Vamos assistir no futuro espumas e pequenas ondas engolirem vagarosamente o sangue espalhado. Microrrevoluções silenciosas em cena. Esse é o nosso devir... viver e ver os nossos vivendo!

Nossa dedicação a arte é uma onda divisora. Nosso comprometimento. Nossa palavra é como um espírito de fogo. A cultura hegemônica e seus slogans nos dizem que devemos vencer mas dizem que somos feias demais, pobres demais, negras demais para conseguir. Nós que viramos adjetivos de ladras, submissas e subalternizadas temos condições suficientes para nos perguntar, nos questionar. Perguntas que não fizeram antes de nos rotular. Se algo some somos culpadas e pronto. Se alguma incompetência é detectada a culpa é nossa. Por isso faz sentido dizer que nós somos os seres mais próximos e mais capazes de viver e de ser tolerantes com as ambiguidades e contradições. Podemos tolerar a não definição, o não binarismo (e se não pudermos fazê-lo podemos nos avaliar profundamente e aprender a pisar na terra movediça que a sociedade é para nosso corpo).

“En unas pocas centurias o futuro pertencerá à mestiza, à *negra* (ANZALDÚA, 2005, pg.707)”. O futuro é das mulheres de pele com pigmentação forte e acentuada. Na contemporaneidade nos vários agrupamentos, encontros, militâncias as mulheres negras escrevem esse novo mito. Tentando olhar para o hoje que está construindo nossos corpos, nossos movimentos, nossas subjetividades. Desmontando a dualidade sujeito-objeto que “nos mantém prisioneiras (ANZALDÚA, 2005, pg.707)”. Dualidade criada com essa intenção no colonialismo. Mas se foi criada nossa criatividade pode desmontar, desconstruir, descolonizar e fazer brotar imagens novas de nós mesmas e de nossas ancestrais. Nos movendo abalamos toda a estrutura da pirâmide social.

Por acreditar que esse trabalho vem sendo construído na cidade de Sorocaba por atrizes negras, apresento abaixo suas belas imagens que habitando os palcos fazem parte de um movimento de transformação da sociedade brasileira.



2. Drika Karol. Peça: Das guerras de um velho baixo caos, 2016. Foto: Adriano Sobral



3. Clarice Santos. Performance: Negros fragmentos de Otelo, 2013. Foto Marcelo Reis



4. Renata Rocha. Performance Firmamento, 2015. Foto Fernanda de Oliveira



5. Fabiana Souza. Peça Astros, Patas e Bananas, 2009. Foto Grupo Katharsis



6. Vanessa Soares. Peça Paó, 2010. Foto José Neto.



6. Almerinda Inácio. Peça Mebengokré, 2016. Foto Trupe Caçadores de Tatu

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.** Brasil, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>> Acesso: 01 de Março de 2017.

ANZALDÚA, Glória. **Como domar uma língua selvagem.** Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/39/traducao.pdf>> Acesso: 24 de Maio de 2017.

ANZALDÚA, Glória. **La consciencia de la mestiza: Rumo a uma nova consciência.** Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015> Acesso: 17 de Abril de 2017.

BAUNFREE, Isabella. **Sojourner Truth.** Brasil, 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/#gs.qDLyYk8>>. Acesso: 23 de novembro de 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf> Acesso: 10 agosto de 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016

ROLNIK, Sueli. **Pensamento, corpo e devir.** Caderno de Subjetividade, v.1 n 2:241-25. Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Pós-Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

FILMES:

VISTA minha pele. Direção Joel Zito Araújo. Produção Hélio Silva Jr. Brasil, 2003. Disponível em <<https://www.youtube.com>>. Acesso em Setembro de 2015.

DREIDA e LANEY assaltam um trem. Deidra & Laney Rob a Train (Original). Direção Sydney Freeland. Produção Nick Mocerri. EUA, 2017. Disponível em: <<https://www.netflix.com>>. Acesso em Maio, 2017.